

# Na trilha do campo

EDIÇÃO ESPECIAL  
VENDA PROIBIDA

Série

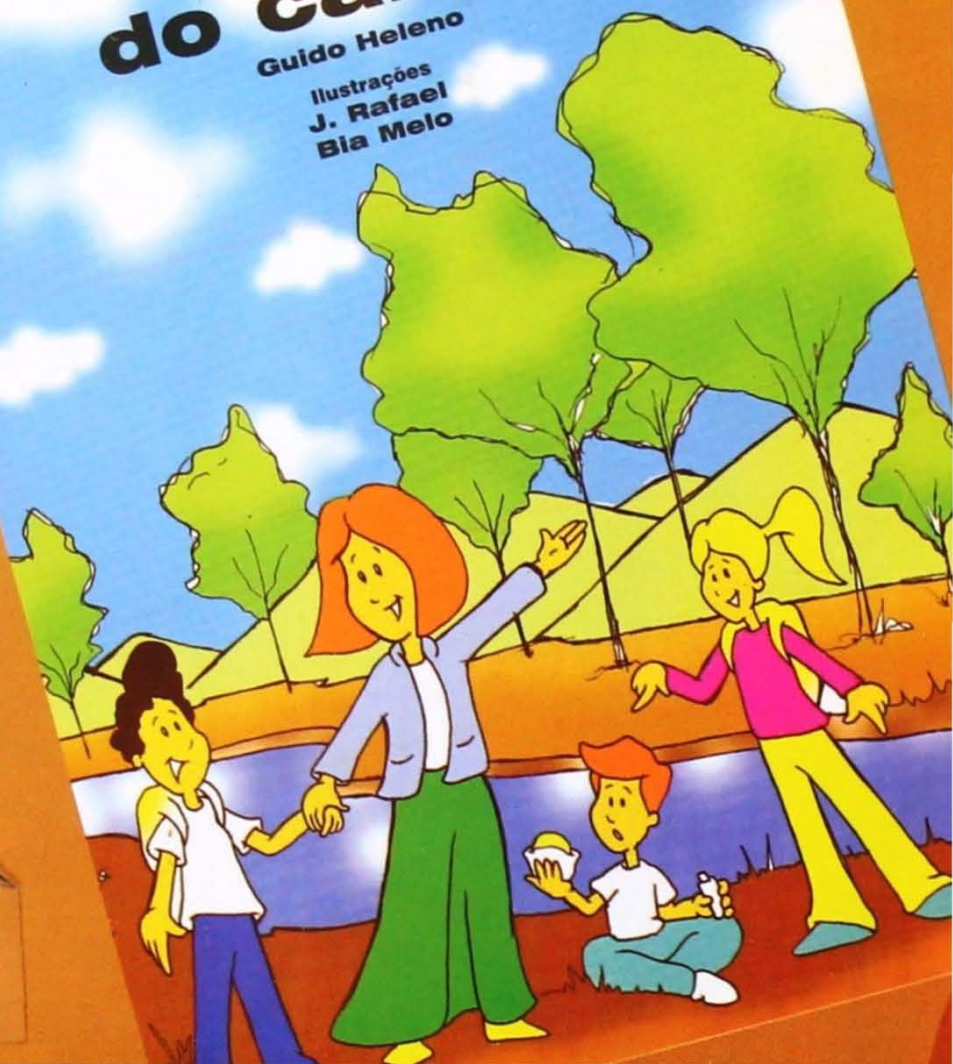
Educação e Cidadania



## Na trilha do campo

Guido Heleno

Ilustrações  
J. Rafael  
Bia Melo



Série Educação e Cidadania

# Na trilha do campo



**República Federativa do Brasil**

*Luiz Inacio Lula da Silva*

Presidente

**Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento**

*Roberto Rodrigues*

Ministro

**Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária**

**Conselho de Administração**

*Jose Amauri Dimázio*  
Presidente

*Clayton Campanhola*  
Vice-Presidente

*Alexandre Kalil Pires*  
*Helio Tollini*

*Ernesto Paterniani*

*Luis Fernando Rigato Vasconcellos*  
Membros

**Diretoria-Executiva**

*Clayton Campanhola*  
Diretor-Presidente

*Gustavo Kauark Chianca*  
*Herbert Cavalcante de Lima*  
*Mariza Marilena T. Luz Barbosa*  
Diretores-Executivos

**Embrapa Informação Tecnológica**

*Fernando do Amaral Pereira*  
Gerente-Geral

**Prefeitura Municipal de Patos de Minas**

*José Humberto Soares*

Prefeito

**Secretaria Municipal de Educação,  
Cultura, Esporte e Lazer**

*Elisa Guedes Duarte*

Secretária

**Divisão de Educação**

*Neide Aparecida Vieira de Araújo*

Chefe

**Seção de Supervisão e Orientação**

*Carla Simone Duarte Santiago*

Chefe

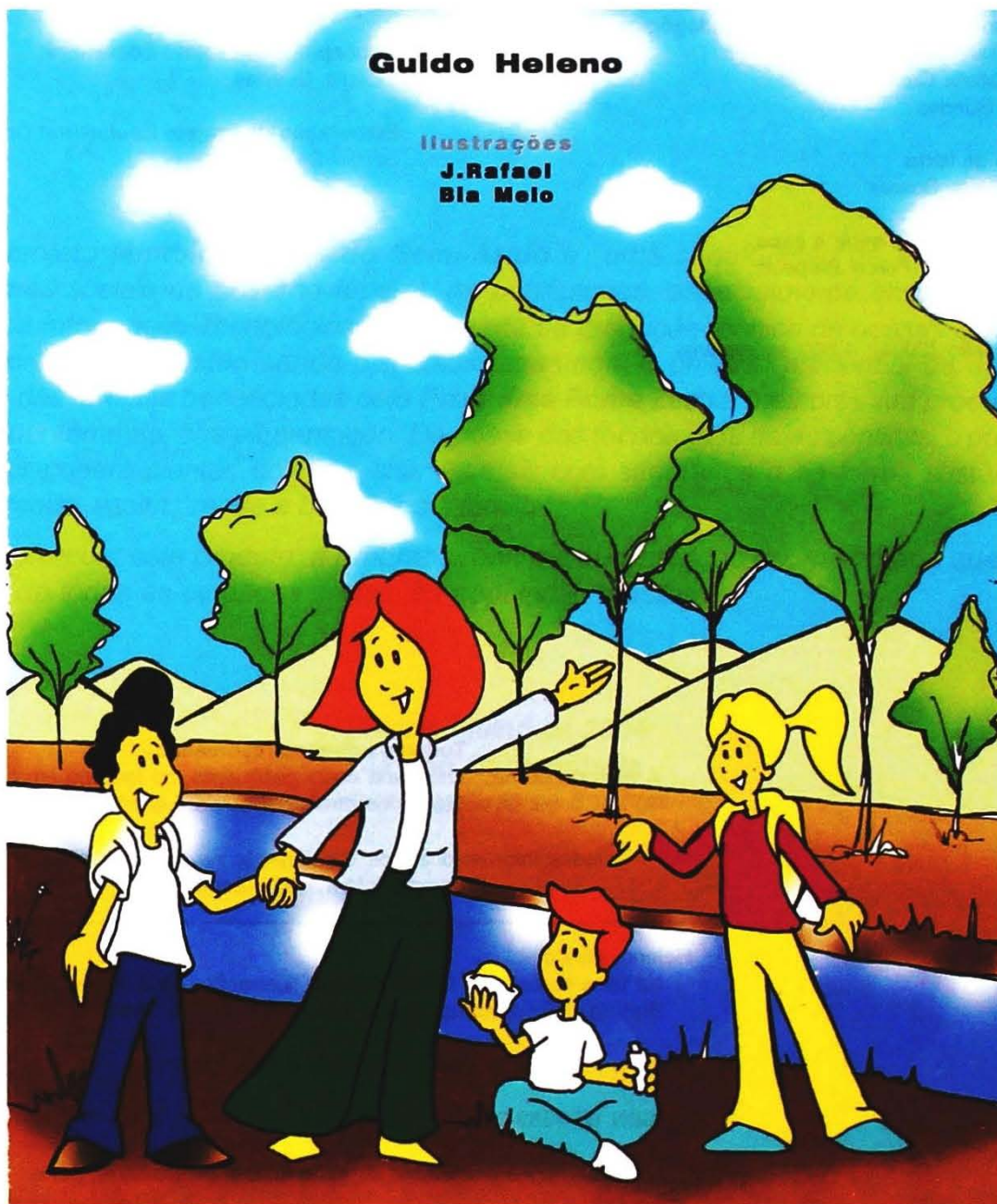
*Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento  
Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária*

*Prefeitura Municipal de Patos de Minas  
Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Esporte e Lazer*

**Série Educação e Cidadania**  
**Na trilha do campo**

**Guido Heleno**

*Ilustrações*  
**J. Rafael  
Bia Melo**



*Embrapa Informação Tecnológica  
Brasília, DF  
2004*

Exemplares desta publicação podem ser solicitados na:

**Embrapa Informação Tecnológica**

Parque Estação Biológica – PqEB – Av. W3 Norte (final)  
Caixa Postal: 040315  
CEP 70770-901 – Brasília, DF  
Fone: (61) 448-4236  
Fax: (61) 340-2753  
vendas@sct.embrapa.br  
www.sct.embrapa.br

**Coordenação editorial**

Edson Junqueira Leite  
Lucilene Maria de Andrade

**Edição e consultoria pedagógica**

Elisa Guedes Duarte

**Co-autoria e orientação técnico-pedagógica**

Gisele Santos Damasceno  
Marluci Maria Castro  
Vicente Guedes

**Revisão de texto**

Corina Barra Soares

**Projeto gráfico da série e capa**

Carlos Eduardo Felice Barbeiro

**1ª edição**

1ª impressão (2004): 1.500 exemplares

**Prefeitura Municipal de Patos de Minas**  
Secretaria de Educação, Cultura, Esporte e Lazer

Rua Tenente Bino, 32, sala 11  
CEP 38700-108 Patos de Minas, MG  
Fone: (34) 3822-9660  
Fax: (34) 3822-9676  
semec@patosdeminas.mg.gov.br

**Coordenação do Projeto EdufaRural**

Gisele Santos Damasceno  
*Supervisora Educacional*

Marluci Maria Castro  
*Professora*

**Concepção do Projeto EdufaRural**

Vicente Guedes

**Elaboração do Projeto EdufaRural Original**

Sérgio Celani Leite

**Todos os direitos reservados**

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP  
Embrapa Informação Tecnológica

---

Heleno, Guido.

Na trilha do campo / Guido Heleno ; ilustrações de J. Rafael, Bia Melo. —  
Brasília, DF : Embrapa Informação Tecnológica, 2004.

39 p. : il. color. — (Série educação e cidadania)

ISBN 85-7383-265-7

1. Educação rural. I. Rafael, J., II. Melo, Bia. III. Título. IV. Série.

---

CDD 370.917 34 (21.ed.)

© Embrapa 2004

# Apresentação à Edição Especial

O projeto **Minibibliotecas do Semi-Árido** é uma contribuição da Embrapa aos programas sociais do governo federal. As publicações, especialmente escolhidas pela Embrapa Informação Tecnológica, fazem parte da produção técnica de nossas Unidades em todo o Brasil e estão sendo disponibilizadas com o objetivo primordial de apoiar o esforço das famílias beneficiadas pelo **Programa Fome Zero** a melhorar sua produção e, conseqüentemente, sua alimentação. De posse das tecnologias nelas contidas, o pequeno agricultor poderá plantar, colher e criar animais com segurança e de forma sustentável, assegurando, assim, renda e benefícios à família.

Ao oferecer este produto, a Embrapa reafirma sua intenção de melhorar a qualidade de vida de todas as camadas sociais da população brasileira.

Brasília, julho de 2004  
**Clayton Campanhola**  
Diretor-Presidente da Embrapa

# Apresentação

Esta publicação é parte de um projeto concebido e executado pela Prefeitura Municipal de Patos de Minas, MG, em parceria com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa –, que participou deste empreendimento fornecendo suporte metodológico, contribuindo com sugestões de implantação, gestão e avaliação e provendo de informações técnico-científicas.

A preocupação com o ensino praticado nas escolas do campo, especialmente na busca de novas formas de intervenção e abordagem do contexto rural, além de meios de valorização da família agricultora, deu origem ao *Projeto Educação Familiar Rural – EdufaRural* – construído no espaço rural patense, desde 2002. Tal projeto visa envolver as comunidades com um “fazer educativo” que atenda a seus interesses e necessidades. Deriva do reconhecimento, por parte da Administração Municipal de 2001–2004, da importante função dos agricultores familiares para a economia, a sociedade e a cultura do município. Também decorre da constatação de que a gente do campo é determinante para o processo de desenvolvimento sustentável. Reúne todo um trabalho de estratégias, que incorporaram adequação curricular, aulas em forma de projetos diversos, dias de campo, palestras, pesquisas escolares e demais ações educativas sobre produção agrícola, criação animal, proteção ao meio ambiente e preservação cultural. Tudo isso, é claro, convivendo com os conteúdos curriculares universais.

A Embrapa busca, pela pesquisa e desenvolvimento, novos caminhos, com o objetivo de tornar a vida no campo mais harmônica e produtiva. Cooperar, assim, para a promoção da qualidade de vida daqueles que sustentam o Brasil com um trabalho árduo e incessante. À iniciativa de fomentar o desenvolvimento rural sustentável, em cooperação com a municipalidade de Patos de Minas, somaram-se novos propósitos, relacionados à educação escolar. É o reconhecimento de que o componente humano está no centro do processo de desenvolvimento, e que a educação e o trabalho digno são condições de humanização.

Este produto editorial representa, assim, um compromisso interinstitucional, cujos parceiros somam forças na construção de soluções qualificadas para os complexos desafios do desenvolvimento, tendo como enfoque a cidadania da família do campo em harmonia com o meio ambiente.

O livro possui vida própria, mesmo sendo componente do Projeto EdufaRural. Integra a série Educação e Cidadania, que tem por objetivo a valorização de saberes locais. Essa série é resultado de uma construção coletiva, da qual participaram educadores, escritores, ilustrador e pesquisadores em desenvolvimento rural e meio ambiente. Como trabalho pioneiro, não pretende ser completo nem isento de falhas. Sabe-se que, em seu trajeto, o livro será avaliado e redirecionado, como, aliás, acontece com toda obra humana. Os parceiros ficam antecipadamente gratos a quem apresentar sugestões para enriquecê-lo.

O material paradidático, de apoio aos educadores que atuam no Ensino Fundamental do meio rural, virá acompanhado por um caderno de exercícios que, longe de pretender exaurir todas as possibilidades, objetiva oferecer um guia para o trabalho docente.

A meta é o aprimoramento da formação do homem e da mulher do campo, como cidadãos de primeira classe, capazes de viver no meio rural e no urbano, de forma competente para transformar a sociedade e construir a história.

*Clayton Campanhola*  
Diretor-Presidente da Embrapa

*José Humberto Soares*  
Prefeito de Patos de Minas

# Aos alunos

## Aluno-personagem

*Este livro traz  
retratos da vida  
das coisas corriqueiras às mais ousadas  
que vão tecendo a história  
que vão contando histórias...  
Deixe-se envolver  
confundir-se  
com essas tantas pessoas  
que nele habitam...  
Tudo é permitido:  
vibrar com suas conquistas  
chorar – mesmo que às escondidas  
por qualquer motivo  
que aflore a emoção  
franzir a testa  
nos momentos de desafios...  
E tocar em frente:  
fazendo  
refazendo  
somando  
atando  
desatando  
partilhando...  
Viaje por esse mundo!  
Desvende  
Vivencie  
Descubra  
Recrie  
Se assim o desejar...*

Marluci Castro





“Como eu vou saber da terra,  
se eu nunca me sujar?  
Como eu vou saber das gentes,  
Sem aprender a gostar?  
Quero ver com os meus olhos,  
quero a vida até o fundo,  
quero ter barro nos pés,  
eu quero aprender o mundo!”

*Pedro Bandeira*



# A carta

A Escola Municipal Paulo Freire tem, bem na entrada, um araticunzeiro que produz, de fevereiro a abril, belos e saborosos frutos, para o prazer de alunos e professores. Essa árvore foi plantada há muitos anos pela menina Analu, na época, aluna da antiga primeira série. Hoje, depois de muitos araticuns, Analu continua na mesma escola; agora, como professora.

Os alunos e seus familiares contribuem muito para que a escola esteja sempre limpa e organizada e tenha os jardins bem cuidados. Para que tudo funcione direitinho, várias equipes ajudam na coordenação dos trabalhos: os monitores da limpeza, os monitores dos jardins, os monitores das festas e eventos, os monitores dos reparos e reformas, os monitores da leitura... Enfim, todos são convidados a participar da vida da escola.



E é nessa escola que tudo começa...

Os alunos do quarto ano do primeiro ciclo estão atentos. Dona Analu propõe uma tarefa:

– Vamos escrever uma carta?

– Mas escrever uma carta para quem, dona Analu? – quis saber Otávio, um menino de 10 anos, que gostava de se sentar na carteira que ficava mais perto da professora.

Ela foi logo explicando:

– Cada um vai pensar em uma pessoa, em alguém que conheça, pessoalmente ou não, e vai escrever-lhe uma carta.

– Mas qual será o assunto dessa carta, professora? – quis saber a aluna Benícia.

Dona Analu disse que o tema era livre. Queria, justamente, que botassem a cabeça para funcionar.

Cada um, motivado por sua criatividade ou pela saudade de algum parente ou amigo, foi escrevendo notícias, pedidos, declarações, convites...

Apesar de ainda ser agosto, Larissa escreveu uma carta para o Papai Noel, listando possíveis presentes.

Rubinho decidiu escrever para sua avó Cândida, moradora da comunidade de Guariroba, lá do distrito de Campo Florido.

Laurinha escreveu aos primos Júnior e Rafaela, que moravam na capital, convidando-os a passar as férias de final de ano no campo, com ela. Além de matarem a saudade de longos dois anos sem se verem – dizia ela –, teriam oportunidade de descansar da agitação da cidade grande e ainda brincar livres pelos campos e quintais.

Depois de finalizá-la, a menina mostrou-a à professora, e ansiosa perguntou:

– Será que eles vão demorar a receber a carta? Será que vão responder?

– Claro que vão receber, Laurinha. Apesar da distância, os Correios entregarão as cartas daqui a poucos dias. E acho que seus primos vão responder.

O Éder fez todo mundo rir ao dizer que havia escrito uma carta para o saci-pererê.

O Ricardo, brincando, disse que o carteiro ia entregar a carta montado na mula-sem-cabeça.

No dia seguinte, usando o selo social, todas as cartas foram postadas por dona Angélica, professora de matemática dos alunos do segundo ciclo, na Agência dos Correios de Lagoa dos Patos.

Todas as cartas encontrariam seus destinatários?

Será que o saci-pererê sabe ler?

E como reagiria Papai Noel ao receber uma cartinha ainda em agosto?



# Um pouco de Chapadinha e de Laurinha

Chapadinha é um distrito do município de Lagoa dos Patos. Faz parte de uma região muito rica em belezas naturais e famosa por sua gente simpática e acolhedora. Ali moram vários agricultores, a maioria dos quais, agricultores familiares.

Como os demais agricultores do município de Lagoa dos Patos, os de Chapadinha produzem mandioca, feijão, arroz, milho, hortaliças, frutas, e criam gado bovino, aves, porcos. A maioria deles tem na produção do leite a principal fonte de renda. Muitos vendem seus produtos em feiras, supermercados, sacolões. Poucos vendem os grãos produzidos aos distribuidores. Há os que agregam valor à sua produção, fabricando queijo, doces, farinha de milho e de mandioca, polvilho. Os Alonsos tocam a Granja Esmeralda, que emprega, além de toda família, algumas pessoas de Chapadinha e da circunvizinhança.

Os pais e os irmãos mais velhos de Maria Laura Medeiros, chamada carinhosamente de Laurinha, trabalham em suas terras, com entusiasmo. Os Medeiros são conhecidos na região pela sua produção de milho.

Dona Dália, a mãe, reserva um pouco da produção do milho para fazer a farinha, que vende principalmente na Feira do Produtor de Lagoa dos Patos, embalada em pacotes de 1 kg e de 500 g.

– Minha farinha de milho é uma gostosura! – confirma a microempresária, que, além de zelar pela qualidade da farinha, cuida de sua apresentação.

Assim, para tornar o produto mais atraente, mandou escrever no rótulo os seguintes dizeres: **Farinha de milho Gostosura – A mais gostosa e a mais pura!**

Na propriedade da família de Éder Silveira, há um barracão onde se guarda o trator, comprado em sociedade com os pais de Larissa, de Laurinha e de Bianca. As quatro famílias administram o pagamento das parcelas do

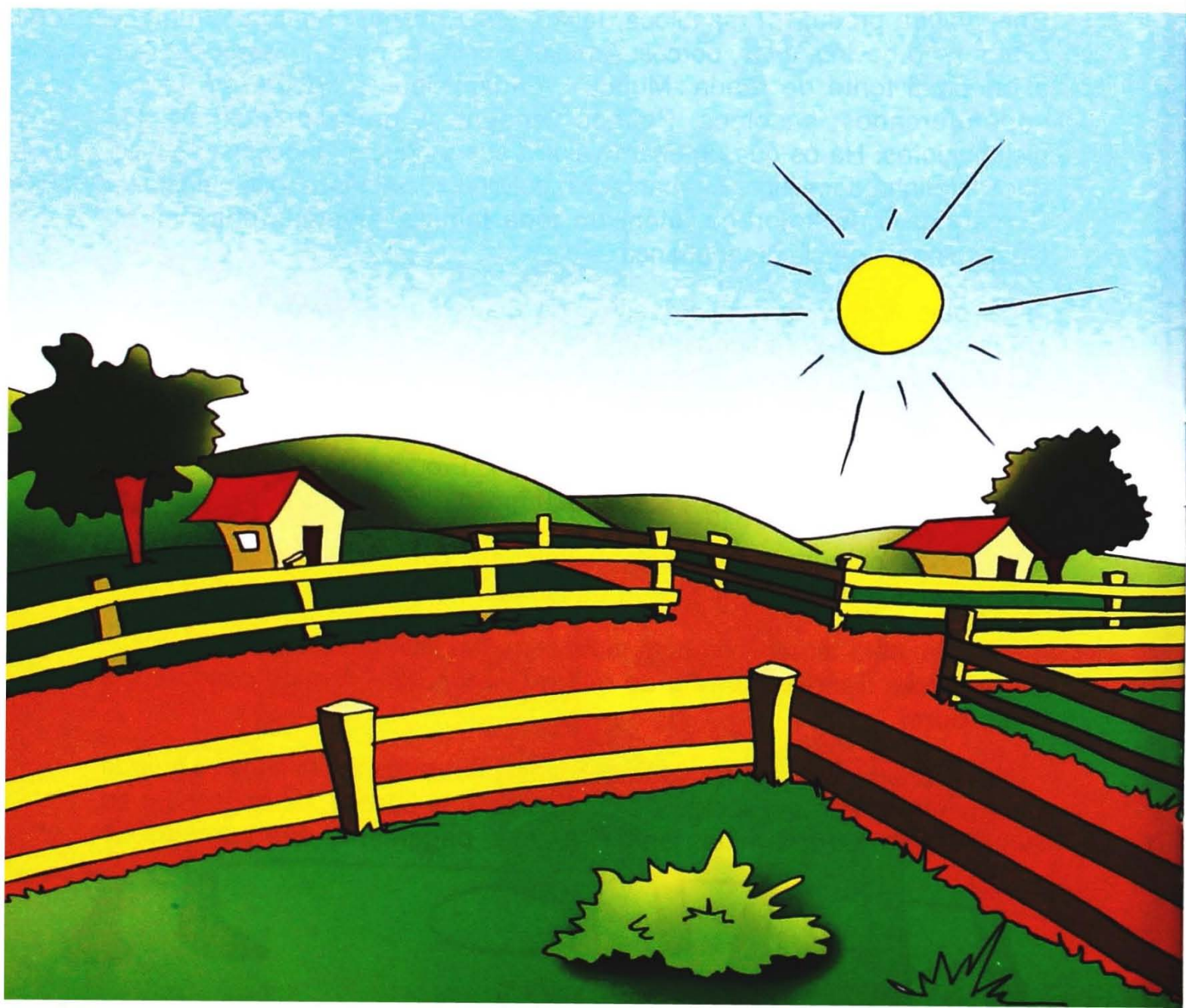
financiamento, a utilização do veículo pelos sócios e a prestação de serviços aos vizinhos. Fizeram até regulamento de uso e manutenção, e o seguem religiosamente.

E os Quirinos? Em Chapadinha, mais da metade das propriedades existentes é deles. São todos parentes, gente que foi ocupando as terras e trabalhando nelas.

Antigamente, ali era uma fazenda só, tomando conta de quase toda a região. À medida que os filhos do patriarca Quirino foram se casando, o velho Antenor Salviano Quirino se viu obrigado a retalhar a fazenda, cedendo uma parte a cada nova família.

Foi assim que, na chapada, sumiu a Fazenda Quirino e foi surgindo a Chapadinha que é hoje. A professora Analu, sobrinha-neta do saudoso velho Antenor, é uma Quirino.

E as cartas, por onde andam?



# As boas-novas de setembro

Foi um alvoroço só, na sala do quarto quando começaram a chegar as primeiras respostas às cartas enviadas.

Quem mandou carta para o saci sabia que não ia receber resposta nenhuma. Mas que assombro: tinha carta para o Éder. Ariel, muito brincalhão, fingindo ser o saci, enviou uma carta para o colega, o que provocou, primeiramente, um certo suspense e depois risos de todos.

Rubinho, todo satisfeito, mostrou a carta que sua vó Cândida enviara, lá da comunidade de Guariroba. Ela contava das mulheres de lá que haviam se associado e criado uma fábrica de doces com recursos do Pronaf Mulher. Dizia que iam fazer benfeitorias em suas propriedades que, conseqüentemente, trariam muitos benefícios para a comunidade. Terminava convidando o neto para passar as festas de final de ano com ela, conhecer a fábrica e, claro, saborear os deliciosos docinhos.





Depois de ler a carta para todos, o menino quis saber da professora o que era Pronaf.

– Rubens, Pronaf significa Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar. Esse programa, do governo federal, como o nome já diz, dá apoio à agricultura familiar por meio de financiamentos aos agricultores, às suas associações e cooperativas. Até mesmo os jovens podem fazer financiamentos para começar a tocar seus negócios.

– Quero crescer logo para ter minhas terras e ganhar um bom dinheiro – comentou Arlindo, aluno que gostava muito de matemática e tinha um jeito especial para os negócios.

– Arlindo, enquanto você espera ficar adulto, seus pais podem aproveitar os benefícios que o Pronaf oferece.

De todas as cartas recebidas, a que trouxe mais expectativa foi a de Laurinha.

– Legal! Meus primos aceitaram o convite. Vão passar um mês, durante as férias, em Chapadinha! – exclamou a menina, muito contente.

Um contava daqui, outro contava dali...

Aos poucos, Laurinha foi se desligando das novidades contadas pelos colegas. Preocupava-se agora com a resposta dos primos: será que fiz bem em convidá-los a passar um mês aqui?

Quando aquela aula terminou, ela foi a última a sair. Estava esperando ficar a sós com a professora; precisava muito falar com ela.

– E agora, dona Analu? Júnior e Rafaela vêm no final de dezembro. Mas será que vão se divertir em Chapadinha? Eles moram num lugar tão movimentado! Será que não vão achar o passeio muito sem graça, parado demais?!

– Não se preocupe, Maria Laura... Vamos traçar um plano para que seus primos, assim como você e seus colegas, possam se divertir nas férias, aqui em Chapadinha.

Graças ao apoio da professora, Laurinha voltou menos preocupada para casa.

Quais serão os planos da professora Analu para que os primos de Laurinha se divirtam em Chapadinha durante as férias?

E o que esperam Rafaela e Júnior?

# Na trilha da diversão e da aventura

Na aula seguinte, a professora relatou a todos o problema de Laurinha: como fazer para que os meninos da capital não se sentissem entediados em Chapadinha?

– Eu levaria o Júnior e a Rafaela para conhecer nossas propriedades... Por exemplo, eles poderiam passar um dia na nossa fazenda, pescando e nadando no córrego – disse o aluno Otávio.

– Muito bem, Otávio! Já é uma idéia – aplaudiu Analu, satisfeita.

Depois dessa sugestão, outras crianças ofereceram suas propriedades para os primos de Laurinha. Como eram 20 crianças naquela turma, os visitantes já teriam uns 20 programas.

O Magela, mesmo dizendo que ficaria muito feliz com a visita de Laurinha e de seus primos, perguntou se não seria muito chato ficar apenas visitando, a cada dia, uma nova propriedade. Ia ser um programa repetitivo, já que elas ofereciam quase as mesmas possibilidades de diversão; sem contar que muitas propriedades eram distantes umas das outras.

A professora e os demais colegas concordaram com ele. Apenas visitar por visitar, dia a dia, seria muito monótono. E criança gosta de novidade!

– Que tal se planejássemos um roteiro, com uma programação variada, que permitisse a exploração das belezas desta região e a vivência da rotina do campo?! – disse a professora, já com algumas idéias em mente.

Dona Analu e todos os alunos do quarto ano começaram a pensar em alternativas de diversão e aventura.

– Mas, dona Analu, por aqui só temos o Recanto Alegre. E eu não tenho dinheiro para levar os meus primos todos os dias para lá.

– Olha, Laurinha, o Recanto Alegre é um lugar muito bonito e agradável, mas não é só ele que pode oferecer lazer a seus primos. Eu acho que, se olharmos com mais cuidado, poderemos descobrir outros atrativos.

O dever de casa daquele dia seria fazer uma pesquisa com os pais, com os vizinhos, enfim, trocar idéias sobre as coisas interessantes que as comunidades daquela região poderiam oferecer aos meninos da capital.

Diferentemente das rotineiras saídas barulhentas e até meio tumultuadas da sala de aula, os alunos do quarto ano, naquele dia, saíram pensativos e com um certo ar de preocupação.

Que descobertas farão os alunos?

Que tesouros escondem aquelas bandas?

Dona Analu terá uma boa idéia?



# Pontos de aventura

No dia seguinte, quase todos os alunos haviam feito o que foi proposto como tarefa de casa.

A maioria deles falou sobre riachos, paisagens bonitas, pontes, pequenas cachoeiras, nascentes, represas, reservas...

O Recanto Alegre só não foi citado por todos porque a professora interferiu dizendo que, como todos já o conheciam, não havia mais necessidade de mencioná-lo.

Mas ninguém, com exceção de dona Analu, achava graça em lugares tão comuns.

– Professora – interveio Laurinha –, estou pensando em escrever outra carta para meus primos, pedindo para que não venham ou que passem apenas uma semana por aqui. Acho que não vamos conseguir oferecer programas interessantes na maioria dos dias.

– Não estou reconhecendo você, Laurinha. Lembre-se que temos ainda três meses para ajeitar tudo. Tenha calma, nós só começamos...

– Mas como é que vamos inventar tanta coisa? Só se a gente fizer milagre. De interessante mesmo, só temos o Recanto. Além de não ter dinheiro pra levá-los todos os dias pra lá, isso ia acabar ficando chato.

– Laurinha, dê-me este final de semana para pensar. Na segunda-feira, voltaremos a falar sobre isso.

Muitas dúvidas... Desânimo por parte de alguns alunos e uma certeza de dona Analu: aquele seria mais um final de semana de muita pesquisa e trabalho. Precisava encontrar uma forma de levar os alunos a enxergar e a entender as novas possibilidades do campo.

Laurinha vai desistir da visita de Rafaela e Júnior?



# Ponto de partida

– Olha, meninos, fiz uma pesquisa nesse fim de semana e trouxe novidades. As notícias atuais dão conta de muitas novas atividades que estão sendo desenvolvidas no meio rural. Na verdade, não são tão novas assim, pois muitas delas já existem há muito tempo, mas não eram, até recentemente, consideradas como atividades econômicas.

– Que atividades são essas, professora?

– Magela, aqui mesmo, em Chapadinha, existem várias atividades sendo desenvolvidas que, até bem pouco tempo, não se viam no meio rural.

– Dona Analu, é o caso da fábrica de farinha da minha mãe, não é? – perguntou a esperta Laurinha.

– Sim, Laurinha, isso mesmo! E quem mais é capaz de nos dizer outros negócios, existentes na nossa região, que não sejam essencialmente agrícolas?

– O Recanto Alegre, de propriedade do seu Lúcio, é um exemplo desses novos negócios que têm surgido no campo, professora?

– Acertou, Otávio, o Recanto, com seu hotel rústico, a represa para pescaria e as trilhas para cavalgada é um exemplo desses negócios. As agroindústrias, as festas de rodeio, os leilões e as exposições agropecuárias também são exemplos dessas atividades. E tudo isso ainda pode ser explorado turisticamente.

– Professora, eu sei que muita gente gosta de rodeio, eu mesmo adoro! É cada pulo, cada tombo! Mas eu não sabia que passeio na roça podia dar dinheiro, ser considerado turismo – disse Arlindo, já contabilizando possíveis lucros.

– Pois é, muita gente da cidade quer sair da sua rotina de correria e apreciar uma natureza de verdade. No meio urbano, é tudo muito artificial, principalmente nos grandes centros – explicou a professora.

– Nossa, então quem tem uma fazenda bonita pode ganhar muito dinheiro! – concluiu Maurício.

– Bom, sem dúvida, isso ajuda muito, mas as pessoas não buscam apenas a beleza! Festas, artesanatos, uma boa comida, uma trilha ecológica, as

farinhas, os doces, uma boa pescaria, o dia-a-dia do campo, tudo isso tem atraído e conquistado cada vez mais as pessoas da cidade.

– Como assim, professora?! – indagou uma ansiosa Laurinha.

– Vocês é que responderão a essa pergunta. Trouxe vários textos, artigos de jornais, de revistas, de livros e até de *sites* atualizados, que vou distribuir a vocês. Em grupo, deverão ler e apresentar aos demais colegas o que entenderam e, principalmente, o que poderá contribuir na tarefa de encontrarmos pontos de lazer para os primos de Laurinha. Aqui no armário, há papel, tinta, revista para recortes, cola e pincel. Usem a criatividade e mãos à obra!

As palavras de dona Analu causaram imediato alvoroço. Em pouco tempo, os grupos estavam formados, esperando por mais orientações.

Os quatro grupos, espalhados pela sala, primeiramente liam os artigos trazidos por dona Analu e, muitas vezes, recorriam ao dicionário para o entendimento de algum termo novo.

Finalmente entenderam o que era pra ser feito e começaram a trabalhar com afinco.

Dois grupos conseguiram fechar sua apresentação, mas, claro, caberiam às meninas dar os retoques finais, que fariam em casa.

Os outros dois, com a autorização da direção da escola, terminariam no dia seguinte, no primeiro turno.

Que descobertas fariam os alunos?



# Um novo cenário

Naquela terça-feira, os alunos manifestavam ansiedade em apresentar logo seus trabalhos.

Era muito termo novo: pluriatividade, modalidades produtivas, atividades rurbanas, ocupação de mão-de-obra, vocação econômica, diversificação, potencialidades, êxodo rural...

Quando bateu o sinal, dona Analu encontrou todos a postos.

O primeiro grupo apresentou o tema *Por que surgem novas modalidades produtivas no meio rural?* Maurício, Gustavo, Rubinho, Lico e Benícia, orientando-se por um esqueminha desenhado em cartolina, falaram um pouco sobre tecnologia de ponta, empresas prestadoras de serviços no meio rural, redução da demanda de mão-de-obra na agropecuária e necessidade de desenvolvimento de outras atividades no campo para incrementar a renda das famílias.

Muitas perguntas, boas respostas...

A ajuda de dona Analu foi fundamental para a compreensão do tema pelo grupo e por toda a turma.

Bernardo, Ricardo, Lenita, Marlene e Natália montaram um mural cheio de gravuras, recortadas de revistas e jornais, e cuidadosamente coladas – lindo! Sob o título *Os novos negócios no campo*, iam surgindo peixes; bolsas; sapatos; vasos; uma mulher tecendo uma rede, outra balançando-se na rede; pessoas fazendo queijo de trança, requeijão, doces e salgados; uma granja e até uma fábrica de lingüiça; codornas; rãs; capivaras; produtos orgânicos e ervas medicinais; frutas; cogumelos e um belo caubói sobre o lombo de um touro que, pela figura, podia-se ver, pulava e rodopiava, tentando se livrar do cavaleiro.

Após a explicação do porquê de cada uma daquelas gravuras, a turma encerrou a exposição dizendo em coro:

– É um novo cenário se desenhando no campo!

Arlindo, Ariel, Paula, Marcinha e Magela, também num lindo e criativo cartaz colorido, traziam informações sobre o turismo no Brasil, especialmente no meio rural. Com a letra bem desenhada de Paula, lia-se: *Turismo é o estudo do homem que viaja para ver.*

Arlindo, o coordenador do grupo, explicava que “o turismo já é considerado uma das atividades econômicas mais importantes no mundo, pois, além de permitir a valorização do patrimônio, das paisagens, da cultura, dos produtos da terra, é uma boa alternativa de renda e de ocupação da mão-de-obra familiar e, por fim, de integração entre o meio rural e o urbano”.

– Professora – entusiasmou-se Marlene –, quer dizer que as atividades próprias do campo e as atividades que estão surgindo, que já dão dinheiro, podem virar turismo?

– Parabéns, Marlene, é isso mesmo, você entendeu direitinho!

– Então, aqui pode ser realmente um bom programa de férias para meus primos! – descobriu uma aliviada Laurinha.

A última equipe, constituída por Otávio, Laurinha, Larissa, Bianca e Éder, complementou as informações fornecidas pelos grupos de Bernardo e Arlindo.

Planejaram uma apresentação bem movimentada, aproveitando o interesse geral da turma pelo assunto.

Otávio e Larissa perguntavam aos colegas:

– O que os turistas podem ver no campo?

As apresentações anteriores ajudaram muito. O turismo já estava na ponta da língua. Foi desfiado um verdadeiro rosário de possibilidades.

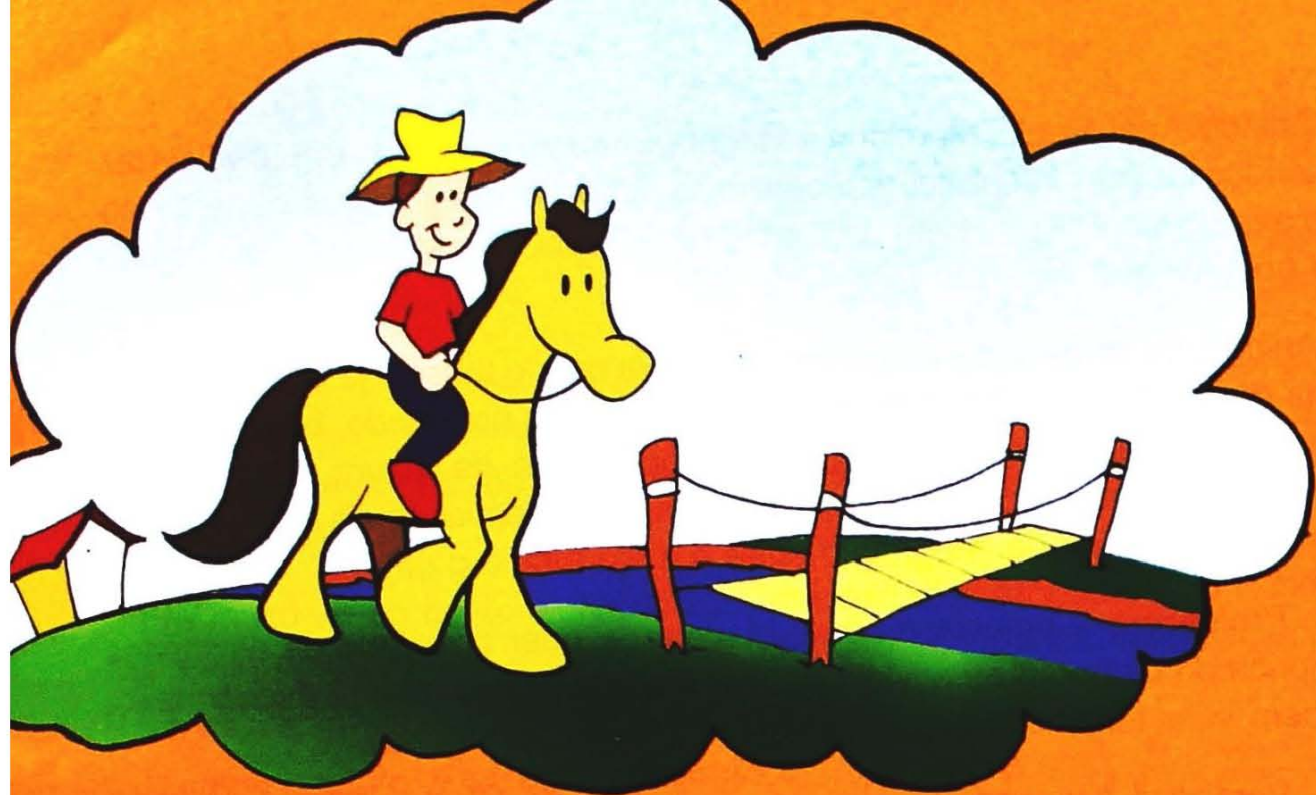
Éder ia anotando tudo no quadro. E como não podia se conter, deu sua contribuição:

– Os turistas também querem ver seres fantásticos, um saczinho, talvez!

Laurinha e Bianca concluíram:

– De acordo com o que a gente leu, pudemos perceber que as pessoas da cidade visitam o meio rural em busca de contato com a natureza e com a simplicidade, como meio de recarregar as energias e diminuir o estresse.





– Elas querem também praticar esportes, vivenciar as rotinas rurais, pescar, andar, cavalgar, apreciar festas e comidas típicas, a cultura local, ou seja, desenvolver alguma atividade e conhecer as novas atividades do campo.

E Otávio, muito sério, finalizou:

– É isso mesmo, mas não se pode esquecer que essas pessoas, apesar de não fazerem muita questão de conforto, querem higiene e um atendimento familiar e amigável. Nada de sofrimento!

Aproveitando as habilidades matemáticas e o interesse de Arlindo, dona Analu preparou com ele uma conclusão sobre os benefícios que o turismo pode trazer para o meio rural.

E ele então começou:

– De acordo com dados do Sul do Brasil, cada turista que passa um dia numa propriedade rural gasta, em média, 15 reais, e se pernoitar e fizer as refeições, esse valor sobe para 50 reais. Como a maioria dos turistas viaja em família, dá pra gente fazer uns bons cálculos...

Após a fala de Arlindo, dona Analu complementou:

– O turismo rural exige certos cuidados: capacitação de pessoal para atendimento, saneamento básico, bons serviços de telefonia e energia elétrica, estradas boas para facilitar o acesso às propriedades e muitos outros. Portanto, é preciso haver uma integração entre as comunidades e delas com a Prefeitura, pois é fundamental a melhoria da infra-estrutura, a valorização do meio ambiente e o resgate das tradições e dos costumes regionais.

Mais uma vez, a professora teve que se apressar: o sinal indicava o término das aulas daquele dia. Como tarefa de casa, pediu aos alunos que, depois de transmitirem aquelas informações aos pais e amigos, pedissem sua colaboração para tornar mais atraente a estada de dois turistas especiais: a Rafaela e o Júnior.

Quais seriam as contribuições dos pais para a diversão dos meninos, durante as férias?

# Cantos e recantos

A preocupação com a visita dos primos de Laurinha estava tomando rumos interessantes. O turismo rural passou a ser assunto de muitas aulas e encontros.

As pessoas das comunidades foram convidadas a participar. Foi até criado o Grupo do Turismo – pais e professores que ajudavam nas investigações.

As discussões foram tomando outros espaços, novos rumos. Então, vieram os Conselhos de Desenvolvimento Comunitário.

Um vereador da região contou na Prefeitura o que estava acontecendo em Chapadinha. A Prefeitura, que já estudava a criação de um programa de turismo para o município, se interessou e mandou representantes para as reuniões da comunidade.

Algumas pessoas achavam que era loucura, idéia de gente nova. Ilusão achar que os recursos naturais e as atividades que já vinham sendo desenvolvidas em Chapadinha e na região pudessem gerar outro tipo de renda para sua gente. Outras pessoas, por sua vez, viam nisso reais possibilidades de ampliar seus negócios.

Assim as idéias foram se encadeando. Uma trama de novas possibilidades ganhava impulso.

Mas isso é uma história bem comprida, destas para se contar noutra hora.

Enquanto os adultos se organizavam, o quarto ano da Paulo Freire tomava algumas atitudes.

Na escola, os alunos se embrenhavam por verdadeiras aulas de geografia e história. E o que era mais interessante, investigavam sobre sua realidade, sua gente e faziam gratas descobertas.

Decidiu-se, então, que os alunos, sozinhos, em dupla ou em trios, visitariam pessoas e lugares à procura de cantos que pudessem vir a ser espaços de lazer para Júnior e Rafaela e, também, quem sabe, ser explorados economicamente.

Assim, utilizando os conhecimentos adquiridos em aulas, visitas, entrevistas e palestras, os alunos iam criando muitas trilhas naquela região.

Bernardo indicou a Granja Esmeralda como ponto de visitação. L era possível conhecer o processo de criação e abate de aves e também comprar ovos e frangos abatidos na hora.

– Marlene e eu achamos que o Bosque do Ingá é um lugar interessante. Fica bem próximo ao ribeirão – lembrou Natália.

– E o que tem de tão interessante naquele bosque tão pequeno que pode fazer dele um ponto turístico? – quis saber Laurinha.

Natália então explicou que naquele bosque havia muitas árvores de grande valor. Contou que tinha sido seu av Otelo quem plantara, ali, espécies como pau-brasil, aroeira, cedro, jequitibá, ip-amarelo... E também que, em meio a tantas árvores, havia uma especial, um ingazeiro, a única árvore frutífera, plantada não se sabe por quem.

Todos gostaram da idéia. Um dos colegas até sugeriu que poderiam desafiar Júnior e Rafaela a descobrir a única árvore que dava frutos naquele bosque.

– Isso é muito legal! Eu mesma nunca vi o p de ingá – aprovou Rubinho.

– Sugiro os viveiros de mudas e as estufas de produção de hortaliçs da nossa fazenda. L os primos de Laurinha poderiam conhecer os sistemas de irrigação – disse Magela, orgulhoso.

E cada um foi apresentando uma nova idéia.

Larissa falou que gostaria muito que Júnior e Rafaela também visitassem a propriedade de sua família e conhecessem a agroindústria de transformação de mandioca. Seria muito interessante que acompanhassem todo o processo de fabricação de farinha e de polvilho e ainda pudessem saborear os deliciosos bolos de mandioca que aquela agroindústria fabricava e comercializava.

– Ora, desde quando fábrica de farinha e polvilho é interessante? – ironizou Ariel.

– Para você, Ariel, não tem graça nenhuma, pois já está acostumado com isso. Não é mais novidade. Mas já pensou na satisfação de quem nunca viu fazer farinha e polvilho?! – justificou Larissa.

Marcinha sugeriu que fossem realizados passeios a uma matinha nos fundos de sua casa. L poderiam ser vistos pássaros e plantinhas bem interessantes.

– E cobras também! – interrompeu Éder.

– Eu sei, Éder, mas é possível andar numa trilha que tem lá e, além do mais, um adulto pode acompanhar as crianças.

– A Marcinha acabou de inventar a profissão de guia turístico da Mata Marcinha – disse Éder, rindo muito.

A menina ficou brava, pensou em xingar o colega, mas resolveu entrar na brincadeira:

– Que tal contratar seu saci para fazer esse trabalho?!

Até dona Analu riu.

– Eu tenho uma surpresa – disse Benícia, eufórica – o Recanto Alegre é um ótimo lugar para os meninos passarem o dia.

– Que grande surpresa é essa, se precisa de dinheiro para visitá-lo? – resmungou Laurinha, decepcionada.

– Benícia e eu conversamos com o tio Lúcio e ele ofereceu para o Júnior e a Rafaela a estada de um dia e uma noite no Recanto. De graça! – disse Lico, orgulhoso da proeza dele e da irmã.

– Aí é que está a grande surpresa! – disse Benícia.

– Este nosso trabalho, além de ser muito interessante, está rendendo bons lucros – adicionou Arlindo.

E assim, durante toda aquela semana, os alunos foram apresentando várias alternativas de diversão e de descobertas para os meninos da capital. E, quem sabe, num futuro próximo, possibilidade de geração de emprego e renda para a região?!

Visitação técnica, passeio ao ribeirão, degustação de comidas típicas, trilha de bicicleta...

Às vezes, levados pelo entusiasmo, muitos cometiam exageros, passando a ver até num cupinzeiro, com um formato um pouco diferente, um possível ponto turístico. Nessas horas, dona Analu interferia, acalmando o ânimo dos alunos.

A agradável surpresa para todos é que havia muitos recantos, bem próximos a eles, ainda desconhecidos ou desconsiderados.

Será que todos os campos foram vasculhados?

Haverá mais alguma surpresa?

# No rastro do queijo

Laurinha não tinha ainda apresentado sugestão para o lazer dos primos, porque estava em dúvida. Acabou decidindo-se pelo queijo, já que a fábrica de farinha Gostosura os primos iam ver até cansar.

Na aula seguinte, Laurinha, segurando um pacote, postou-se ao lado da mesa de dona Analu para apresentar sua idéia. Antes, porém, agradeceu a todos pela ajuda e participação. Disse que estava encantada com as descobertas feitas.

– Deixa de enrolação e fala logo sobre sua descoberta, Laurinha! – apressou Benícia, não se agüentando de tanta curiosidade.

– Não é enrolação, não! Estou mesmo emocionada!

– Vamos respeitar os colegas – interferiu dona Analu, tentando esconder a própria curiosidade.

Laurinha, então, disse que propunha um desafio aos primos: eles teriam que bancar verdadeiros detetives para desvendar um mistério. Aí, aumentando o mistério, ela mostrou a todos o pacote e anunciou:

– Aqui está o desafio! – disse Laurinha, abrindo o embrulho e mostrando um simples queijo.

Um sonoro ooooooh! de decepção pôde ser ouvido na sala de aula.

Otávio não se agüentou e fez um desabafo:

– Ora, Laurinha! Todos nós procuramos fazer o melhor. Descobrimos muitas coisas aqui em Chapadinha, aprendemos muito com nossas pesquisas. E tudo isso para que você pudesse oferecer um programa de férias que valesse a pena a seus primos... E aí você vem com essa brincadeira, mostrando um queijo comum como se fosse algo muito interessante?!

Mesmo sem entender a idéia da aluna, a professora pediu silêncio e depois emendou:

– Turma, nada de críticas. A Laurinha nem chegou a explicar a razão de ter trazido um queijo para cá. Não sejam apressados! Saber ouvir é uma virtude.

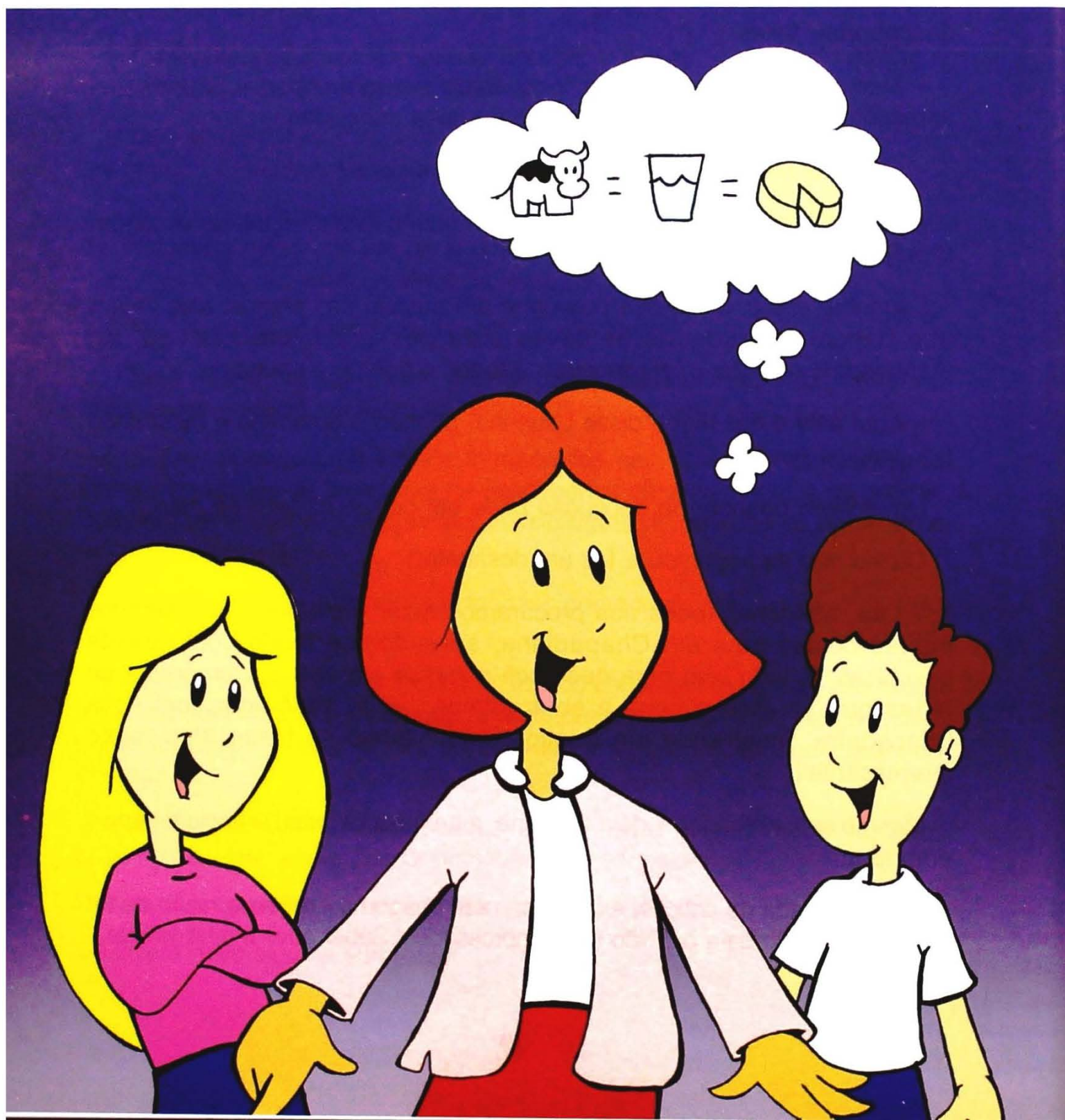
Laurinha agradeceu o apoio da professora e disse que sua idéia era fazer com que os primos pesquisassem, fizessem uma espécie de mapa do queijo, isto é, de tudo que entrasse em sua fabricação e de tudo que servisse para que aquele queijo ficasse pronto.

Ao ouvir aquilo, a professora arregalou os olhos:

– Matei a charada!

Quem mata uma charada comete algum crime?

Será mesmo que a dona Analu desvendou o mistério?!



# Detetives

## descobrimo cadeiaas

Laurinha e dona Analu ficaram cochichando no canto da sala por alguns minutos. Os alunos, tentando entender, teciam vários comentários:

- Será que aquele queijo é mágico?
- Júnior e Rafaela devem gostar muito de queijo!
- Acho que a Laurinha está levando isso a sério demais!

Dona Analu começou a explicar:

– Meninos, o que a Laurinha está propondo é um inteligente desafio aos primos... Eles terão que mapear a cadeia produtiva do queijo.

– Cadeia? Eles vão ser presos?! Aqui nem tem cadeia, professora! – comentou a Lenita que, como os demais alunos, continuava sem entender nada.

– Ninguém vai para a cadeia – disse a professora, sorrindo – cadeia produtiva são todos os integrantes do processo produtivo, desde a extração da matéria-prima até a comercialização do produto final ao último consumidor.

Então, dona Analu pegou como exemplo a farinha de milho Gostosura. Para que se pudesse fazer a farinha, era preciso milho; para que houvesse o milho, era preciso semente, o trabalho na lavoura, o adubo...

– Entendi... Os porcos, os leitões que meu pai cria, dependem de muitos produtos e de gente trabalhando, né, professora? – quis confirmar o Lico, todo orgulhoso de seu raciocínio.

– É isso mesmo... E tem mais: seu pai depende dos consumidores. Quem consome carne de porco depende da produção de seu pai. Isso é uma cadeia, uma coisa puxando outra.

– Então, não seria um desafio levantar a cadeia produtiva do queijo?! – perguntou Laurinha a todos os colegas.



– A idéia é mesmo muito boa, principalmente para seus primos que moram numa grande cidade! – concluiu Arlindo.

Todos concordaram com a colega e boa parte da aula foi usada no levantamento de cadeias produtivas de outros produtos, como a do frango, a dos doces caseiros e até a do pão de queijo.

– Para levantar a cadeia produtiva do pão de queijo, tenho que comer uma meia dúzia deles antes! – disse Larissa, passando a língua nos lábios.

Agora, passado o susto de ter dado uma má idéia, Laurinha era toda prosa:

– E tem mais, depois da cadeia produtiva pronta, os hóspedes poderão conhecer tudo sobre o manejo do gado, como alimentação, vacinação e ordenha. E ainda terão a oportunidade de tirar leite com a mão e até amamentar bezerrinhos recém-nascidos com mamadeira. Sem contar que aprenderão a fazer queijo – uns bem pequeninhos –, que poderão ser degustados ali mesmo. Sem contar as pesquisas sobre as rações... Ah! e conhecer a plantação de milho...

– Chega, Laurinha! Vamos descobrir agora o sabor do seu queijo?! – convidou-se Ricardo.

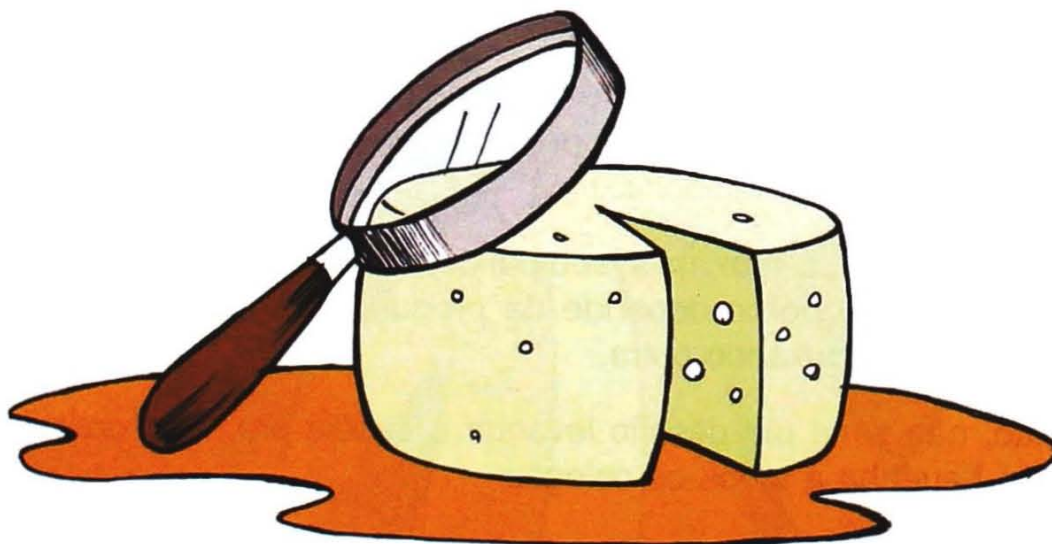
Dona Analu percebeu que Éder estava muito quieto e com um ar de dúvida.

– Éder, o que foi? Parece tão preocupado!

– Professora, qual será a cadeia produtiva do saci?

Será que o saci tem cadeia produtiva?

E o queijo de Laurinha, cadê?



# O mapa do tesouro

Depois de todas as pesquisas e descobertas, os alunos tiveram a idéia de confeccionar um mapa dos “pontos turísticos” de Chapadinha e de seu entorno. Achavam que isso facilitaria a elaboração de uma programação para o lazer de Júnior e Rafaela.

Laurinha já respirava aliviada: a diversão dos primos estava garantida.

– Isso, meninos, vamos construir um mapa bonito e muito bem explicadinho! – incentivou a professora.



Aos poucos, caminhos, trilhas, matas e ribeirões, nascentes, cachoeiras, pontes, pastos, currais, casas, fábricas de farinha (principalmente a Gostosura), de queijo, de doces, produção de hortaliças, a Granja Esmeralda, o Bosque do Ingá, a propriedade de seu Chico, da dona Maria, de seu Felisberto e o Recanto iam tomando seus devidos lugares no mapa.

– Ah não! Professora, o Éder só fica com a cabeça no mundo da lua, ou melhor, da imaginação. Ele insiste que o saci tem que aparecer no mapa! – reclamou Laurinha.

– HUUUUUM! Que delícia de queijinhos! Estou com água na boca...

– Acho melhor colar uma foto do Recanto do tio Lúcio aqui. Nós não vamos conseguir desenhá-lo tão lindo quanto é.

– Carlinhos, essa nascente parece mais um lago. Você exagerou...

– A fábrica da minha mãe não é assim. Dá pra caprichar mais, Bianca?!

Acho isso... acho aquilo... assim tá bom... deixa de brincadeira... não enche... estou quase terminando... isso vai ficar legal... me ajuda aqui... tá feio... tá lindo...

Assim o mapa foi sendo desenhado!

Depois de longos e produtivos dois meses de trabalho, o mapa finalmente ficara pronto.

Todos estavam muito orgulhosos: era uma verdadeira obra-de-arte. Tudo em seus devidos lugares.

A tarefa agora era encontrar uma fórmula interessante de explorar tudo o que tinha sido relacionado no mapa.

Dona Analu resolveu que tanto trabalho, esforço e dedicação precisavam ser valorizados. Aqueles meninos deveriam ser exemplo de coragem e empreendedorismo para muita gente. E até para gente grande!

Por isso, procurou por seu Lúcio, proprietário do Recanto Alegre. Tiveram uma longa e produtiva conversa.

O que conversaram dona Analu e seu Lúcio?

Estariam falando de alguma nova cadeia produtiva?

# Ponto de chegada

Na aula seguinte, a surpresa foi geral! Seu Lúcio estava lá, diante dos alunos, com uma conversa danada de boa.

– Estou muito orgulhoso de vocês. Meus sobrinhos, Benícia e Lico, já me contaram algumas proezas de vocês, e dona Analu me falou de outra muito interessante. O trabalho que vocês fizeram ficou muito, muito bom! – disse seu Lúcio, mostrando um mapa que estava em suas mãos.

Ele explicou então que há muito queria fazer um material de divulgação de seu Recanto. E estava ali, naquele dia, para pedir autorização à turma para incluir o Mapa do Tesouro entre o material de promoção do seu empreendimento.

– Mas aí as pessoas vão achar que foi o senhor quem descobriu os tesouros e agora é dono desses lugares! – disse Arlindo, temendo perder a primeira chance de ser um pequeno empresário.

Lúcio riu muito e se corrigiu:

– Você tem razão, menino! Por isso, quero que o mapa apareça como trabalho de autoria dos alunos do quarto ano, da professora Analu. E tenho certeza de que muito turista vai querer conhecer vocês. Imagine só: a Escola Municipal Paulo Freire e vocês serão pontos turísticos.

– A propósito, já pensaram o quanto isso será bom para divulgar a região de Chapadinha aos turistas?! – comentou dona Analu, bastante entusiasmada.

– É, isso pode render alguns lucros! – disse Arlindo, aprovando a idéia.

– E tem mais: tenho uma reunião em Lagoa dos Patos, com o pessoal da Prefeitura e de outros órgãos que estão trabalhando para incentivar o turismo no município. Vou mostrar o mapa que vocês fizeram. Aposto que virão aqui, saber de tudo, pessoalmente! – complementou seu Lúcio.

Os alunos não cabiam em si de contentamento. A possibilidade de ver seu trabalho conhecido por outras pessoas entusiasmou a todos. Mas a maior alegria veio logo em seguida:

– Como vocês trabalharam muito bem, construíram um verdadeiro circuito turístico em Chapadinha, e ainda estão contribuindo para a divulgação de nossa região, quero presenteá-los com uma estada no Recanto Alegre. Todos, inclusive a professora Analu, estão convidados a passar uma noite e um dia no Recanto. Marquem a data e...

Seu Lúcio nem conseguiu completar o que ia dizer. Gritinhos, abraços... a euforia tomou conta da sala.

Quando seu Lúcio foi embora, começaram a perguntar quase ao mesmo tempo:

- Podemos marcar a ida ao Recanto nas férias?
- Podemos ir no mesmo dia em que Júnior e Rafaela forem?
- Tem que levar roupa de nadar?
- Posso levar meu ursinho?! Só durmo abraçada a ele.

Dona Analu tentava ouvir e responder a cada um. Por fim, pediu silêncio.

– Quero parabenizá-los. Vocês fizeram um excelente trabalho! Estou muito orgulhosa. Já pensaram que a divulgação do Mapa do Tesouro atrairá visitantes às propriedades daqui e eles poderão comprar a famosa farinha de milho Gostosura, ovos, frangos, hortaliças, queijos, diretamente dos produtores daqui?

- Professora, isso é muito bom! Podíamos até mudar o nome do mapa.
- Claro, Laurinha, se todos concordarem.

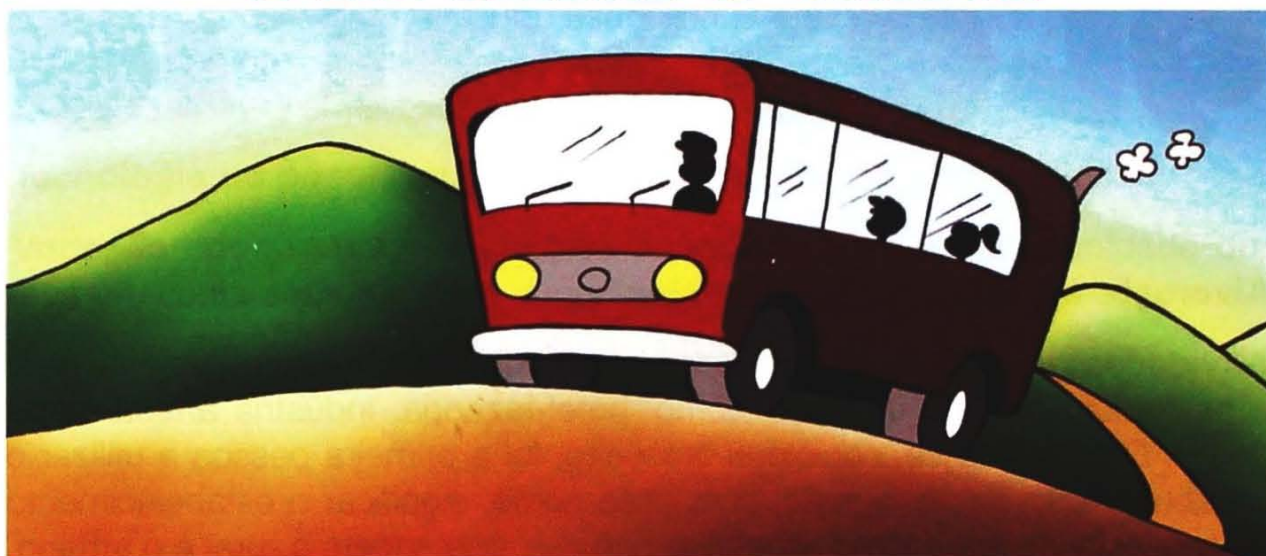
Todos aplaudiram a idéia. Assim, *Na Trilha do Campo* indicava novas possibilidades para Chapadinha.

Os alunos se divertirão no Recanto Alegre?

As férias estão chegando?

E esta história está acabando?

# Um final e tanto



As férias chegaram, e Júnior e Rafaela também.

Laurinha já estava com a programação de lazer dos primos prontinha.

O material de divulgação do Recanto Alegre também estava pronto. O *Na Trilha do Campo* trazia uma importante nota: *Mapa preparado pelos alunos e pela professora do quarto ano do primeiro ciclo do ensino fundamental da Escola Municipal Paulo Freire*. E o mapa estava completo: trazia até a localização daquela escola.

Os proprietários de Chapadinha estavam também orgulhosos. Um orgulho que não estava no mapa.

Muitos já adivinhavam que, no ano seguinte, aquele mapa teria que ser refeito, pois, provavelmente, iam oferecer novos produtos, expandindo-se. Novas agroindústrias poderiam surgir e outros recantos turísticos, graças aos empreendedores mirins, poderiam ser descobertos.

De longe, podiam-se ver muitas crianças, pulando e dançando, no imenso salão do Recanto Alegre.

Depois de uma noite de jogos, de um bom caso contado por tio Lúcio, de sonhos maravilhosos e de um dia de pescaria, cavalgada, brincadeiras na piscina e de uma aula de preservação ambiental e cultural, veio a festa de despedida. É preciso dizer: despedida do Recanto e das aulas daquele ano. Pois dos amigos, nunca!

Podiam-se ver Júnior e Rafaela contando e ouvindo histórias, do campo e da cidade. Muito assunto... muitas histórias...

# glossário

**Alvorço:** agitação, inquietação.

**Atividades rurbanas:** são atividades intermediárias entre as puramente rural e as exclusivamente urbanas, como: hotel-fazenda, indústria artesanal de doces. Gilberto Freyre, sociólogo brasileiro, foi a primeira pessoa a utilizar o vocábulo “rurbano”, querendo, com esse nome, significar o estabelecimento de uma relação entre duas situações opostas, que seriam o rural e o urbano.

**Capacitação de pessoal:** treinamento de pessoal de forma a torná-lo mais atualizado, mais criativo e mais preparado para o desempenho de suas atividades.

**Cenário:** lugar em que ocorre a ação.

**Charada:** adivinhação, enigma.

**Circuito turístico:** trajetória, percurso turístico.

**Degustação:** ato de provar, saborear, deliciando-se com o que se experimenta.

**Entediados:** cheios de tédio, enfasiados.

**Êxodo rural:** migração dos habitantes do campo para a cidade.

**Incrementar:** aumentar, incentivar.

**Melhoria da infra-estrutura:** melhoria dos serviços básicos, de forma a garantir qualidade de vida à comunidade, como: instalação de redes de água e esgoto, energia elétrica e telefone, pavimentação de estradas, e outros.

**Monitor:** pessoa que, por já estar treinada, pode atuar como substituto do professor.

**Pluriatividade:** conjunto de atividades variadas, no campo, que combinam trabalhos agrícolas com os não-agrícolas, como turismo ecológico, pesque-pague, hotel-fazenda, artesanato, indústria de doces caseiros, emprego doméstico, e outros.

**Resgate das tradições e costumes:** recuperação, reativação de tradições e costumes, de forma que voltem a fazer parte da cultura.

**Site:** palavra de origem inglesa, usada na linguagem da computação, para indicar um lugar, um endereço virtual. Por exemplo, o site (ou sítio) da Embrapa é [www.embrapa.br](http://www.embrapa.br).

**Tecnologia de ponta:** a técnica mais avançada, de última geração.

**Vocação econômica:** capacidade econômica de uma comunidade que leva em conta seus recursos, suas tradições, culturais e de trabalho, e sua produção econômica.



## Títulos

### **Coleção Plantar**

- A cultura da mandioquinha-salsa
- O cultivo de hortaliças
- A cultura do tomateiro (para mes
- A cultura do chuchu
- A cultura da batata-doce
- A cultura da batata
- A cultura da cenoura
- A cultura da manga
- Propagação do abacaxizeiro
- A cultura do abacaxi
- Produção de mudas de manga
- A cultura do mamão
- A cultura da banana
- A cultura do limão-tahiti
- A cultura do maracujá
- A cultura do urucum
- A cultura da graviola
- A cultura do dendê
- A cultura do caju
- A cultura da melancia
- A cultura da acerola
- A cultura do melão
- A cultura da cebola
- A cultura da goiaba

- Alimentação das criações na seca 2 - Preparando feno
- Alimentação das criações na seca 3 - Preparando silagem
- Alimentação das criações na seca 4 - Aproveitando restos de culturas, palhadas e outros materiais
- Como organizar uma associação?
- Adubação alternativa
- Formas de garantir água nas secas 1 - A chuva no sertão
- Formas de garantir água nas secas 2 - Barragens, cacimbas e poços amazonas
- Formas de garantir água nas secas 3 - Cisternas
- Formas de garantir água nas secas 4 - Barragens subterrâneas
- Formas de garantir água nas secas 5 - Captação de água da chuva (captação *in situ*)
- Formas de garantir água nas secas 6 - Poços tubulares
- Como plantar caju?
- Feijão guandu: uma boa opção para sua alimentação
- Caupi: o feijão do sertão
- Como Produzir Melancia?
- Umbuzeiro - Valorize o que é seu!
- Controle Alternativo de Pragas e Doenças das Plantas
- Conservas caseiras de frutas 1 - Geléias
- Conservas caseiras de frutas 2 - Compotas
- Conservas caseiras de frutas 3 - Doces em massa
- Conservas caseiras de frutas 4 - Frutas secas e cristalizadas
- Criação de Galinhas-Caipira 1 - Começando a criação
- Criação de Galinhas-Caipira 2 - Fases da criação
- Criação de Galinhas-Caipira 3 - Alimentação das galinhas
- Criação de Galinhas-Caipira 4 - Doenças
- Criação de Galinhas-Caipira 5 - Produção de ovos
- Criação de Galinhas-Caipira 6 - Produção de carnes
- Preservação e Uso da Caatinga 1 - O que é a Caatinga e por que conservá-la?
- Preservação e Uso da Caatinga 2 - Como manejar a Caatinga?

### **Cartilhas Jogos Ambientais da Ema**

- Cartilha 1 - Água sempre presente na vida
- Cartilha 2 - Nosso amigo solo
- Cartilha 3 - Nós, as árvores e as florestas
- Cartilha 4 - Lixo: qual a herança que vamos deixar?
- Cartilha 5 - Qualidade de vida: nutrição, higiene e segurança dos alimentos
- Cartilha 6 - O ar que respiramos: o que estamos fazendo com o nosso ambiente?
- Cartilha 7 - Vida de bicho: a fauna e o meio ambiente no Brasil

*Impressão e acabamento*  
**Embrapa Informação Tecnológica**



## *Informação Tecnológica*

Esta publicação contempla o **Projeto Minibibliotecas**, da Embrapa, que faz parte do **Programa Fome Zero**, do governo federal.

Este livro, além de outras publicações que receberam impressão especial para esse projeto, será doado pela Embrapa às Minibibliotecas e não poderá ser vendido.

Assim, os agricultores do Semi-Árido Nordeste poderão receber as informações necessárias à agricultura e à pecuária.

EDIÇÃO  
ESPECIAL



VENDA PROIBIDA